

Thereza Leitão de Barros

Escritoras de Portugal

Génio feminino revelado
na Literatura Portuguesa

VOLUME I

LISBOA
1 9 2 4

INDICE

	Pag.
Introdução	19
CAPÍTULO I. Atêna e as Cariátides do Templo.....	31
CAPÍTULO II. A' margem do Grupo da Infanta	81
CAPÍTULO III. «Os Ditos da Freyra»	103
CAPÍTULO IV. As Musas no Ceo Violante do Ceo — Maria do Ceo — Madalena da Glória	119
CAPÍTULO V. Perfis de Vitral Bernarda Ferreira de Lacerda — A 3.ª Condessa da Ericeira (D. Joana Josefa de Menezes) — Outros perfis mais apa- gados.....	169
CAPÍTULO VI. Sóror Mariana Alcoforado «Flor de Portugal»	203
Notas	215

PRIMEIRA ÉPOCA

Introdução — Séculos XVI e XVII

O presente trabalho não tem quaisquer pretensões a obra de crítica ou de erudição, e nem mesmo deve ser aceite como um subsídio, ainda que modestíssimo, para a História da Literatura Portuguesa, onde, no entanto, o estudo da actividade intelectual feminina sempre ocupou tão insignificante lugar. A sua primeira ambição seria até a de poder julgar-se isento do quasi obrigatório cunho de pretensiosismo que, habitualmente, caracteriza as tentativas de quem experimenta seus primeiros passos num campo de tão difficil piso para a inexperiência, como são êsses senhoriais domínios da investigação paciente e da análise estética.

Os recémchegados a certas zonas do mundo intelectual, nem sempre acolhedoras e benignas, raramente podem, sem maior ridículo, abordar problemas originaes, e só temem uma probabilidade de evitar o justo epíteto de "intrometidos" que o desdêm dos mestres se vê forçado a aplicar-lhes: seguir, lenta mas honestamente, na esteira de bons exemplos, e procurar primeiro o louvor da própria consciência e só depois o de quem tenha autoridade para o conceder.

Não estou bem certa, infelizmente, se no meu trabalho passará um pouco despercebida essa quasi infalível pontinha de falsa erudição, caro tributo que pagam as ingénuas veleidades de tantos principiantes.

A minha inicial preocupação ao elaborar o presente estudo foi a de lhe imprimir o possível cunho de simplicidade, procurando comunicar a quem porventura o lesse sem maior enfado, uma parcela da intensa curiosidade que o assunto me inspirou. Se dos cuidados que ao meu tema dediquei resultasse um conjunto medianamente harmónico, constituindo serenos capítulos de leitura fácil, sentir-me-hia já satisfeita, crente de ter contribuído, com uma pequena quota de esforço, para aclarar a descorajante atmosfera de indiferença que pesa sobre alguns nomes, que, por nem sempre serem gloriosos, não deixaram de ilustrar o ofício de escrever, tantas vezes inglório.

Não colecionei uma série de monografias sobre os mais cotados vultos femininos da nossa Literatura: tentei reerguer êsses vultos, como figuras decorativas dum velho painel a que a minha fantasia quizesse dar uma cor remoçada.

Da vasta paisagem da nossa história literária destaquei um dos trechos que menor atenção tem merecido, e procurei rejuvenescê-lo ao calor do meu entusiasmo, sagrada primavera de emoção que acordou uma seiva teimosa e paciente, capaz de me dar alento para assumir, ante os olhos de quem já passou por êste esquecido mundo que eu não descobri, o inútil papel de guia.

Como um apressado caminhante que, dentro dum continente sem fim, só percorre uma região eleita, assim me limitei a percorrer, dentro da vida literária portuguesa, apenas a sua zona feminina, estudando-a através das suas fases mais representativas, desde as paisagens áusteras e frias dum arte singularíssima que recreou infantas e donas do Renascimento, até às preciosas oásis da nossa populosa Arcádia e aos horisontes nostálgicos

dum Romantismo que ainda hoje vive, sempre a morrer de saudade...

Dentro dum assunto que só parcialmente tem sido objecto de estudo, reservei uma parte destinada à apresentação de falíveis juízos pessoais, evadidos, tanto quanto possível, de influências estranhas, mas que não se consideram um produto de crítica minuciosa, e apenas um simples reflexo das primeiras impressões que pode deixar uma leitura cuidada, feita mais ao sabor de simples curiosidade e de preferências espirituais, do que sob o jugo de processos analíticos.

Não abuso das resenhas biográficas, e só quando estas não sejam de absoluta aridez, friso os seus mais notáveis pormenores, sem grandes preocupações de rigor cronológico.

Procurei, principalmente, apreender o espírito feminino que a nossa Literatura revela, ou seja, avaliar até que mais alto grau ascendeu a intelectualidade feminina portuguesa, escolhendo para objecto da minha atenção mais demorada as figuras e os nomes que deveriam fixar-se nas folhas ricas da nossa história literária. Só isto explica a razão que me levou a aludir, por vezes, a obras escritas em idiomas estranhos: querendo, por exemplo, avaliar pelas obras de Violante do Céu, qual o máximo nível que, dentro da estreita obediência aos cânones estéticos dum época, atingiu a actividade mental da mulher portuguesa, não puz de lado as produções compostas em espanhol, idioma em que tantos escritores portugueses enriqueceram a nação vizinha.

As presentes páginas desgraciosas — em que ha relíquias da minha obscura vida de estudante¹ — são, numa palavra, uma ousada tentativa de evocar, num quadro

que abrange quatro séculos, as principais figuras femininas da Literatura Portuguesa.

Tenho a consciência de que não me poupei a fadigas nem me contentei com curar por informações, desdenhando o exame directo dos velhos textos a que me refiro e de que, quasi sempre, faço transcrições inéditas em obras desta natureza, mas não creio ter levado a cabo qualquer tarefa difficil e sei bem que o meu trabalho não pode invocar como desculpa — que, nêle, seria de mau pagador — as criteriosas palavras com que a douta professora D. Carolina Michaëlis abre o primeiro capítulo da sua obra "A Infanta D. Maria e as damas da sua Côrte". Repito-as, no entanto, porque são meu sufficiente prémio de consolação por ter ainda ficado tão longe do meu objectivo, aliás procurado com bastante perseverança:

«Analisar a psyche portuguesa nas suas exteriorizações femininas, traçar o perfil, contar a vida de damas illustres, mesmo que não seja em volumosos estudos, "mas apenas em esboços ligeiros, não é empresa facilmente realisavel».

*
* * *

Justificar a sub-epígrafe dêste trabalho, não é afirmar que algumas figuras femininas da nossa Literatura possam considerar-se «génios», no sentido completo do termo.

Penso, pelo contrario, que nenhuma merece o epíteto excepcional: nem a freira de Beja — encontrando a máxima intensidade de expressão que a epistolografia amorosa atingiu —, nem essa orquídea graciosa e frágil que foi a Alcipe de Filinto e de Bocage, entronizada à pressa, graças à relativa pobreza intelectual da sociedade que mais de perto a rodeava e ao prestígio do seu nome e

da sua beleza, numa divina torre de marfim onde os árcades ajoelharam

¿ Mas, se levarmos em linha de conta o obscurantismo intelectual, a cerrada atmosfera de preconceitos e as deficiências de instrução que rodearam, durante séculos, gerações de mulheres que só excepcionalmente, e por intervenção feliz do acaso, deixaram representantes do seu ideal colectivo e dos seus anseios de espiritualidade, — não será possível olhar a Infanta erudita e as suas damas humanistas, Sórora Mariana e o seu grande facho de amor, a aristocrática Alcipe com as suas odes gélicas, e um ou outro sorriso feminino que iluminou o nosso passado literário, como diversas scintellas do mesmo clarão de génio, como graciosa e extensa cadeia de almas eleitas que conseguiram voar mais alto que as suas iguais e que, consideradas de longe, num relance generoso e igualitário, se agrupariam bem sob essa vaga e honorífica designação de "Génio Feminino" ?

A pergunta fica em suspenso, mas, antes de seguirmos a trave dos tempos a esteira dêsse pobre génio, da tão suave graça feminina que iluminou as nossas letras e que, como um longo mas estreito veio de água cativo na aspereza da terra, não conseguiu entoar hossanas de triumpho nem elevar até aos astros o seu orgulho de existir, pensemos, um instante, com simpatia e piedosa ternura, em toda a sùmula de esforços e de perseverança que representa ainda, e apesar de tudo, a discreta auréola de talento que algumas mulheres portugesas cingiram às suas frentes e impuzeram a uma admiração quasi sempre indiscreta.

Não as consideremos apenas em valor absoluto, sumidas nas grandes épocas literárias, antepondo a sua glória humilde aos excelsos nomes que scintilam dentro das

mesmas escolas e géneros; julguemo-las antes no seu valor relativo, em comparação com as suas especiais condições de luta contra os preconceitos ou a estreiteza do meio, contra as escassas probabilidades de vitória que o desdém dos homens, o terror do pecado com seu conseqüente castigo divino e a fobia do ridículo lhes permitiram conservar. Só assim — depois de pesar em seu favor tôdas as atenuantes e descontar tôda a inferioridade dos recursos iniciais, tôda a desigualdade, em relação ao homem, das armas utilizadas na conquista da glória, tôda a insuficiência dos seus acanhados meios de cultura espiritual —, é que devemos integrar na intensa vida literária de Portugal, as figuras femininas que a ajudaram a manter um invejável esplendor.

Só muito recentemente a mulher portuguesa se tem preocupado com a arrumação do cérebro, depois da arrumação da casa. Só modernamente reconheceu a inutilidade de adquirir muitas das "prendas artísticas e literárias" que lhe embalavam a vaidade e foram o recheio imponderável de tantas decorativas cabecinhas de "bibelot", que passavam pela vida e pelos lares embelezando-os e dulcificando-os com a simples graça da sua presença, mas deixando, na estrutura moral da família e na educação dos filhos, apenas uma vaga impressão benéfica.

Sem uma educação orientada, sem estímulos nem exemplos dentro do seu mundo de frivolidade, e lutando ainda contra opiniões preconcebidas, e adversas, por razões egoístas de ilegítima defeza, a quaisquer tentativas

de emancipação, a mulher portuguesa encontrou na sua frente, durante centenas de anos, os maiores obstáculos de convenções e de falsos ideais de perfeição intelectual. Só à custa de muita energia e pela força duma inteligência mais que invulgar ou de qualquer circunstância fortuita, uma ou outra conseguiu, por vezes, deixar memória de si e permitir que se seguisse a irregular esteira da vida intelectual feminina, desde a aurora já alta do Renascimento até ao alvorecer do dia de hoje, que vai crescendo na apoteose de outro sol.

Não rejeitando e antes aproveitando os seus inatos predicados de sensibilidade e de emotividade, a mulher culta de hoje está apta a desempenhar bem o seu papel dentro da família e a compreender como da sua influência sobre a educação duma vontade, sobre os temperamentos infantis que lhe estão entregues, podem nascer as raras qualidades de energia e de perseverança que são a grande arma dos vencedores de sempre.

O valor mental da mulher, tão facciosamente discutido por filósofos e pensadores, aparece já como um dogma que os factos impuzeram; tôdas as teorias sobre a inferioridade desse valor passaram a constituir teorias sobre a diferença de recursos intelectuais entre o homem e a mulher.

Sendo diferentes os recursos e as aptidões, diversos deveriam ser os objectivos a alcançar, podendo bem delimitar-se a função social que a um e outro sexo compete. Mas, enquanto não se concorda num "modus-vivendi" baseado na divisão equitativa do trabalho e no reconhecimento mútuo dos respectivos direitos, a mulher procura opor aos exagêros egoístas do homem os excessos de ambição nascidos dum sentimento de "revanche" contra o jugo que sofreu durante séculos. De tais excessos re-

sultou o ambiente de ridículo onde se envolveram algumas combativas feministas inglesas, que tanto se distanciaram da bem ordenada propaganda das suas reivindicações que as norte-americanas teem realizado e que, sob a invocação da humanitária e doce figura de Henriqueta Stowe, é hoje a mais florescente de todo o mundo.

Lançando-se na luta pela conquista dos seus direitos, e antepondo à escolha dos meios a necessidade de alcançar os fins, a mulher pretendeu que poucas profissões lhe fossem vedadas, e não julgou insuperáveis quaisquer obstáculos. A vitoriosa onda feminina impoz respeito e provou a sua potência combativa e a força da sua razão.

Como, porém, tôdas as marés teem o seu refluxo, é de esperar que a grande hora de harmonia e de boa paz ressoe entre as partes adversas, e que seja a mulher quem, reconhecendo os limites do papel que lhe compete, desista duma vitória por demais completa.

No entanto, aconteça o que acontecer, um extenso campo de acção esteve e estará sempre reservado à mulher intelectual de todos os tempos. Essa ampla arena de combate e de triunfos é o campo da Arte, considerada em tôdas as suas várias manifestações, como instrumento máximo de beleza e de harmonia; como suprema criadora de estímulos e de ideais, como a máxima representante da espiritualidade da Vida e da alma do Mundo.

Se a Arte domina pela emoção que desperta e se é absolutamente um lugar comum afirmar-se que as almas femininas são tesouros de emoção, fácil é concluir que em tôdas as almas de mulher existem qualidades de Arte.

Mais do que pelo cultivo da sciência, é pelas manifestações artísticas que alguns nomes femininos se teem immortalizado, desde longínqua antiguidade: se poucos recordam os nomes arrevesados de filósofas gregas que

escutaram o divino Platão; se muitos ignoram quem foram uma Bitisia Gozzadina ou uma Madalena Bosignori, uma Olívia Sabuco ou uma Juliana Morelli; se o nome de Miss Brown, a sábia directora da secção solar da British Astronomical Association, é apenas familiar a um restricto número de estudiosos, difficil se torna encontrar alguém de mediana cultura para quem sejam completamente estranhas as figuras duma Santa Teresa de Jesus — a Virgem Seráfica que fez ajoelhar a admiração de Leibnitz e foi a maior poetisa mística de todos os tempos —, de M.^{me} de Sévigné, a epistológrafa modelar, da Staël, entusiasta admiradora da nossa Alcipe, ou mesmo duma Georges Sand, que foi ídolo da geração feminina onde pontificou Maria Amália Vaz de Carvalho.

A Arte é a grande cidadela de defeza e de ataque em que o espirito feminino pode encontrar terreno propício para se esquivar a críticas impiedosas e para proteger alguns direitos, conquistados pelo seu valor à custa de longas lutas e fadigas.

Nesse campo de batalha, o nosso espirito literário feminino deve ocupar um merecido lugar de honra, porque, embora sufocado pelas precárias condições de tolerância dentro das quais se desenvolveu, tem deixado, como veremos, atravez de tôdas as épocas, o sinal evidente de que existiu.

A vida literária da mulher portuguesa pode dizer-se que logo surgiu na claridade vibrante do Renascimento e que, depois de conscientemente ter singrado, numa atmosfera perigosa para a sua existência e propícia ao seu estiolamento, alcançou, descendo, o poente demorado dum Romantismo demasiado sentimental e lânguido.

Pelo contrário, a acção social da mulher portuguesa tem sido arrastada, quasi sem tomar parte activa, na vio-

lenta onda de conquista de direitos e de reivindicações que alagou o Mundo e que vai hoje atravessando a sua hora-vértice, o seu instante de desequilíbrio.

Tôda essa multidão de trabalhadoras — operárias, empregadas comerciais, burocratas, jornalistas, médicas e advogadas — representa a poderosa vaga que passa, quasi vitoriosa, bulhenta, atordoada pelo clamor do seu próprio movimento e do seu ulular de combate, deslumbrada pela extensão do caminho já andado e, sempre insaciável, exigindo, cada vez mais, regalias maiores, proveitos iguais, responsabilidades tão grandes. E, apesar de tudo, talvez chegue um dia em que as vagas encontrem no seu caminho a indiferença dos rochedos hirtos, a impossibilidade de avançar mais num caminho que pode macular o azul das suas águas, outróra límpidas como as vidas sem história.

Nêsse dia, estaria encontrada a atitude eterna que, na vida social, deve assumir a mulher, companheira inteligente do homem, podendo compreender tôdas as suas concepções, justificar tôdas as suas ambições, amparar todos os seus ideais. Como é a grande fonte da Vida, ela seria a fecunda criadora de Beleza, artista inata cujo génio só encontrará facilidades para desabrochar e florir nos seus altos predicados de emoção e de sensibilidade; as suas mãos, já exaustas de compulsar tratados, e os seus olhos, já desencantados pelo espectáculo das maiores misérias, voltar-se-hiam irresistivelmente para outras madrugada novas, em que um outro mundo vitorioso, filho dos seus sonhos e dos seus anseios, chamado e atraído pela força da sua expressão criadora, appareceria, banhado numa luz menos ardente, talvez mais útil à alegria dos olhos do que ao proveito social, mas, por isso mesmo, mais capaz de encantar e de vencer.

Nêsse momento, principiaria a redenção dessas decorativas figuras feminis que teem, nos seus lares, simultaneamente, um encanto efémero e uma influência, quasi nefasta, mas também as mulheres-soldados seriam apenas uma curiosidade de museu, e na imensa multidão de trabalhadoras se extinguiriam aquelas classes de maior e mais rude prosaísmo, que não tivessem uma grande e humanitária razão de existir.

Esperemos que seja assim um dia, num dia que está para nascer, envolto na sombra dos séculos por vir; no dia em que o Mundo entrar em convalescença...

Por agora, enquanto êsse tempo não chega, poderei talvez começar a desenrolar o fio de engenho feminino que atravessa tôda a história da nossa Literatura e que, quando não tivesse razões para ser um motivo de orgulho, seria pelo menos um grito de vida, a atestar que o génio feminino português, que acaso ainda virá a entrar na sua era de esplendor, começou a existir em hora já remota e possui tradições de relativa superioridade.

O laborioso poema latino de Luísa Sigea, as frases desvairadas de Mariana Alcoforado, os engenhosos sonetos de Violante do Céu, são gritos de vida que conseguiram chegar até nós como se quizessem erguer, na grande hora de amanhã, a orgulhosa divisa da sua razão de ser: *"relinquamus aliquid quo nos vixisse testemur!..."*

São gritos amortecidos na apatia resignada de dezenas de gerações de mulheres que nasceram e morreram sem se lembrarem de que podiam pensar ou produzir, e que, na moldura discreta das suas apagadas existências, teem as côres apaziguantes das figuras que dormem nas tábuas dos nossos primitivos.

Para essas, para as que foram só mulheres e foram só “Madonas” do lar ou “bibelots” de luxo, para as que souberam amar e não souberam escrever, é justo deixar aqui — antes de entrarmos no templo de Minerva em que as raras sacerdotisas dum culto difficil cumpriram os seus vários e complicados rituais — um demorado pensamento de simpatia e de quasi justificada inveja. Duma inveja quasi natural em quem nasceu numa hora de tumulto, quando passa a onda desvairada e insaciável, a chamar para o combate, a chamar mesmo os que adoram a paz e olham, como impossiveis de hoje, as calmas visões femininas que no Passado se escondem e nêle são claros pormenores duma paisagem de quietitude que já nenhuma tempestade consegue perturbar.

CAPITULO I

A T Ê N A
E AS CARIÁTIDES
DO TEMPLO